



## Desprezo e Desonra: a ira de Medeia

Disdain and Dishonor: Medea's anger

Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0009-0009-1395-1925>  
 cristina.franciscato@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v11i1.59277>

**RESUMO:** A ira (ὀργή, *orgé*), segundo Aristóteles, pressupõe um desejo de vingança explícita, devido a alguma desonra sofrida e só pode existir onde a vingança for possível. O sentimento da ira requer poder e parece inadequado ao feminino, geralmente retratado como impotente na Grécia antiga. Não é o caso de Medeia que, repleta de ira, perpetra terrível vingança contra seu marido, Jasão, que a desonrou. Das tragédias áticas sobreviventes, *Medeia* é a que possui maior número de ocorrências dos termos *orgé* e *khólos* (χόλος), ambos com significados semelhantes, indicando ira, cólera. Medeia pode deixar irromper esses sentimentos por ser poderosa e não meramente humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** *orgé*; *khólos*; ira; cólera; Eurípides; Medeia.

**ABSTRACT:** Anger (ὀργή, *orgé*), according to Aristotle, presumes a desire for explicit revenge, due to some dishonor suffered and can only exist where revenge is possible. The feeling of anger requires power and seems inappropriate to the feminine, usually portrayed as impotent in ancient Greece. This is not the case with Medea, who, filled with rage, takes terrible revenge on her husband, Jason, who has dishonored her. Of the surviving Attic tragedies, *Medea* has the highest number of occurrences of the terms *orgé* and *khólos* (χόλος), both with similar meanings, indicating anger, wrath. Medea can let these feelings erupt because she is powerful and not merely human.

**KEYWORDS:** *orge*; *kholos*; anger, wrath; Euripides; Medea.

<sup>1</sup> Jornalista com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Literatura Grega Antiga pela FFLCH-USP.



A ira (ὀργή, *orgé*) é uma emoção bem registrada na literatura grega antiga. Segundo Aristóteles na *Retórica* (2.2, 1378a31-3), a ira pressupõe um desejo, acompanhado de dor, que nos incita a exercer uma vingança explícita, devido a algum desprezo sofrido, sem que houvesse razão para tal desonra. A expectativa de vingança é acompanhada por um sentimento antecipado de prazer. O termo homérico que mais se aproxima de *orgé* — que não se encontra na *Épica* — é *khólos* (χόλος), cólera. Embora no português, ira e cólera tenham praticamente o mesmo sentido, não é possível assumir que *orgé* e *khólos* tenham em grego o mesmo significado.

Das tragédias áticas sobreviventes, *Medeia* é, de longe, a que registra mais ocorrências de ambos os termos, *orgé* (11) e *khólos* (7). São dezoito, das quais treze são explicitamente atribuídas a *Medeia* e 5 se relacionam, indiretamente, a ela. A segunda tragédia com mais ocorrências é *Prometeu de Ésquilo*, com cinco usos de cada termo. Em Eurípides, o segundo lugar é de *Bacantes* com apenas seis ocorrências de *orgé*. Esses números evidenciam como o tema da ira é significativo em *Medeia*.

No dicionário Caldas Aulete ambos os termos são praticamente sinônimos. Ira é definida como uma paixão que nos incita contra alguém, significando cólera, raiva indignação, castigo e vingança. Em português “vingança” também faz parte do repertório da ira. O termo Cólera é igualmente definido como uma forte paixão que nos incita contra o aquilo nos ofende ou indigna e “(P. ext.) sentimento de justiça que se atribui a Deus quando castiga as culpas dos homens: a cólera divina”<sup>2</sup>. Significativa a associação entre cólera e justiça divina, pois, como veremos, há algo de numinoso na ira e na vingança de *Medeia*.

David Konstan, em seu livro *The Emotions of the Ancient Greeks* (2006), observa que Aristóteles limita as causas da ira a ofensas intencionais resumidas pelo termo *oligoría* (ὀλιγορία), que significa desonra, desprezo, depreciação. A partir da desonra sofrida, a pessoa busca engendrar uma vingança que cause sofrimento no ofensor, porque a ira contém em si o desejo de restaurar o estado anterior à ofensa vivida. Segundo Aristóteles, a ira só pode surgir onde a vingança seja possível: ela requer poder. Trata-se, portanto, na Grécia Antiga, de uma emoção inadequada ao feminino, geralmente impotente. Porém não é o caso de *Medeia*, que se define como “nascida de pai nobre e prole do Sol” (406)<sup>3</sup>. Assim, sua ira (*orgé*) e cólera (*khólos*) se justificam. Ela pode nutrir e dar vazão a tais sentimentos, porque é capaz de vingança.

Como sabemos, a *Medeia* de Eurípides coloca em cena a terrível vingança da protagonista contra Jasão, seu marido. Ele a repudiou para se casar com a filha de Creonte, rei de Corinto, onde

<sup>2</sup> Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, vols. 2 e 3.

<sup>3</sup> Todas as passagens de *Medeia* citadas nesse artigo são de JAA Torrano (2022).

ele vivia exilado com Medeia e os filhos. Medeia mata a noiva, Creonte e os próprios filhos. Sua ira não reflete apenas o ciúme de uma mulher traída, mas se fundamenta em um orgulhoso senso de honra. Vejamos como Eurípides nos apresenta a têmpera da sua heroína.

Logo no início do prólogo, a ama expõe e lamenta o estado de sua senhora, que tem o *thymós* (θυμὸν, 8) aturdido por amor a Jasão. A ama diz que agora o ódio é tudo e que o amor adocece (16). Ela não se alimenta, sofre dores e encontra-se o tempo todo debulhada em lágrimas (24–25). Está arrependida de ter traído pai, palácio e pátria pelo amor de um homem que a desonrou (ἀτιμάσας, 33). A ama teme que Medeia possa fincar no fígado uma faca afiada (40).

A ira da protagonista resulta, principalmente, da desconsideração da sua honra, da sua *timé* (τιμή). O tema da desonra perpassa a trama. Já no verso 20, a ama, utilizando o participio perfeito do verbo *atimázo* (ἀτιμάζω), afirma que Medeia encontra-se desonrada. *Atimázo* significa desvalorizar a *timé* de alguém, negando-lhe o valor devido. Em seguida, no verso 33, a ama reitera que Medeia foi desonrada (*atimásas*, ἀτιμάσας) por Jasão. Mais tarde, no verso 438, é a vez do coro afirmar que Medeia é banida de Corinto “sem honra” (*átimos*, ἄτιμος). A própria heroína assim se define para Egeu: (*átimoi*, ἄτιμοι, 696). No final da peça, Medeia justifica suas ações para Jasão a partir da desonra sofrida (1354–357):

σὺ δ' οὐκ ἔμελλες τᾶμ' ἀτιμάσας λέχη  
τερπνὸν διάξειν βίον ἐγγεῶν ἐμοὶ  
οὐδ' ἢ τύραννος, οὐδ' ὅ σοι προσθεῖς γάμους  
Κρέων ἀνατεῖ τῆσδέ μ' ἐκβαλεῖν χθονός.

Desprezando (ἀτιμάσας) meu leito, não irias  
ter vida de prazer para rir de mim,  
nem iria a princesa nem teu sogro,  
Creonte, impunes banir-me desta terra.

Além de desonrada, Medeia também se declara ultrajada (*hybrízomai*, ὑβρίζομαι, 255) e injustiçada (*edikeméne*, ἡδικημένη, 265, 314), o que reforça e justifica a sua ira. Passo a percorrer as ocorrências dos termos *orgé* (ira) e *khólos* (cólera) na tragédia.

*Khólos* aparece pela primeira vez no verso 94, quando a ama fala para o pedagogo sobre o ânimo de sua senhora. Ela o incita a levar as crianças para dentro e mantê-las afastadas da mãe (90–95):

ἴτ', εὖ γὰρ ἔσται, δωμάτων ἔσω, τέκνα.  
σὺ δ' ὡς μάλιστα τοῦσδ' ἐρημώσας ἔχε  
καὶ μὴ πέλαζε μητρὶ δυσθυμουμένη.  
ἦδη γὰρ εἶδον ὄμμα νιν ταυρουμένην  
τοῖσδ', ὡς τι δρασείουσαν: οὐδὲ παύσεται  
χόλου, σάφ' οἶδα, πρὶν κατασκῆψαί τι.  
ἐχθρούς γε μέντοι, μὴ φίλους, δράσειέ τι.

Conserva-os tu o mais possível a sós,  
e não os leves à mãe de mau humor.  
Eu a vi já fita-los com olhar de touro,  
como para fazer algo, e não cessará  
à ira (*khólou*), antes de ferir alguém, bem sabe.  
Que o faça a inimigos, não aos seus!

A ama sabe que a cólera de Medeia não cessará antes que ela “fira” alguém. O verbo aqui traduzido por “ferir” é *katasképto* (κατασκήπτω), “arrojar-se sobre”. O dicionário Lidell-Scott aponta que em Heródoto *katasképto* é usado para sinalizar a visitação divina (7. 134, 137) ou um presságio (8. 65) e que, em Dionísio de Halicarnaso 3.23, é relacionado a Nêmesis, deusa que representa a vingança divina. Na passagem acima, o verbo está associado à ira de Medeia e pode ser um discreto indício de sua natureza numinosa.

No verso 99, a ama alerta os filhos sobre o perigo que a mãe representa, pois ela “movimenta / agita a cólera” (κινεῖ δὲ χόλον, *kinei dè khólon*, 98-104):

τόδ' ἐκεῖνο, φίλοι παῖδες: μήτηρ  
κινεῖ κραδίαν, κινεῖ δὲ χόλον.  
σπεύδετε θᾶσσον δώματος εἴσω  
καὶ μὴ πελάσητ' ὄμματος ἐγγύς  
μηδὲ προσέλθητ', ἀλλὰ φυλάσσεσθ'  
ἄγριον ἦθος στυγεράν τε φύσιν  
φρενὸς αὐθάδους.

Isso é aquilo, meus filhos, a mãe  
move seu coração e move sua ira.  
Muito rápido, entrai vós em casa,  
e não vos aproximeis da vista,  
e não defronteis, mas respeitai  
a índole rude e natureza odiosa  
do espírito obstinado.

A fala seguinte de Medeia (111-114) confirma tal preocupação da ama, pois ela se refere às crianças como “excrados filhos... de mãe odiosa” e exorta para que pereçam com o pai e que se dane a casa toda. Aqui, já antevemos a ação final de Medeia, movida pela cólera: o assassinato dos filhos. Em 119-121, a ama alude à terrível têmpera dos tiranos, que dificilmente acalmam suas iras (*orgás*). Ela reconhece a ira como prerrogativa dos poderosos e Medeia como partícipe desse grupo.

Em 160, Medeia clama à grande Têmis e à venerável Ártemis<sup>4</sup> que vejam o que ela sofre, vinculada, por grandes juramentos, a um marido execrado (*katáraton*, 162). Deseja vê-lo, assim como a sua noiva, destruídos, por antes terem cometido injustiça (*adikeîn*) contra ela. Em seguida, a ama questiona o coro se ele ouvira Medeia invocar Têmis e Zeus, como “juiz das juras” (170). Comenta que será difícil sua senhora colocar fim à cólera (*khólon*, 172). Medeia ao invocar Têmis e o próprio Zeus como testemunhas do comportamento injusto e perjuro do marido, coloca-se, de certo modo, como instrumento divino, na vingança que perpetrará. Medeia alude várias vezes ao juramento feito e não honrado por Jasão (21, 161, 209, 492) e refere-se a ele especificamente como perjuro (*ouk euorkos*, “não fiel ao juramento”, 495; *pseudórkou*, “perjuro”, 1392). Em 439-440, o coro, ecoando o sentimento de Medeia, lamenta que a dádiva das juras se foi e que o pudor (*aidós*) não mora mais na Grécia, mas aos céus voou.

As mulheres do coro conjecturam com a nutriz a possibilidade de Medeia vir até elas, ouvi-las e acalmar a “grave ira” (*βαρύθυμον ὄργαν*, *barýthymon orgán*, 176). Mais tarde, Jasão analisa a situação em que se encontra Medeia como resultado de sua “violenta ira” ou, na tradução de JAA Torrano, de seu “áspero sentimento” (*τραχεῖαν ὄργην*, *trakheían orgén*). Diz ele (446-450):

οὐ νῦν κατεῖδον πρῶτον ἀλλὰ πολλάκις  
τραχεῖαν ὄργην ὡς ἀμήχανον κακόν.  
σοὶ γὰρ παρὸν γῆν τήνδε καὶ δόμους ἔχειν  
κούφως φερούση κρεισσόνων βουλευμάτα,  
λόγων ματαίων οὔνεκ’ ἐκπεσῆι χθονός.

Não agora vi primeiro, mas muitas vezes,  
o áspero sentimento como inelutável mal.  
Sendo possível teres tu esta terra e a casa,  
se levasses com leveza as decisões do rei,  
por palavras vazias serás banida desta terra.

Segundo a lógica de Jasão seria prudente que Medeia, mulher e estrangeira, acatasse de modo leve as decisões dos mais poderosos. Ele conta que procurou extinguir as iras (*orgás*) de reis furiosos para que ela pudesse permanecer no país (455-456). Jasão, assim como a ama, parece reconhecer a ira como uma prerrogativa dos reis, daqueles que detêm o poder.

Medeia, no *agon* com o marido (465-519), enumera tudo o que fizera por ele, que agora a trai, contraindo novas núpcias. Ela o acusa de desconsiderar promessas e juramentos, colocando em

<sup>4</sup> É estranha a invocação de Ártemis por Medeia nessa passagem. Maria Helena da Rocha Pereira (2009), em sua tradução da obra, alega em nota a esse verso que a presença da deusa “torna-se clara, se admitirmos que já se deu o sincretismo com Hécate, deusa das artes mágicas, pela qual Medeia muito apropriadamente jura nos vv. 395-398.”

dúvida se Jasão ainda acredita que os deuses têm poderes ou se crê que novas leis regem os mortais. Após a fala de Medeia, o coro observa (520-521):

Uma terrível e incurável ira (*orgé*) surge,  
se amigos com amigos atizam rixa.

Jasão (521-575) alega que Afrodite e Eros foram os únicos responsáveis pelos seus feitos. Pela ajuda que Medeia lhe deu, ela já recebera mais do que o merecido: habita em terra grega, não em solo bárbaro, e conhece a justiça. É vista pelos gregos como “sábua” (*sophén*, 539) e conquistou fama (*dóxan*, 540). De outro modo seria desconhecida! Afirma que casar com a filha do rei foi sua invenção mais feliz (553), pois a ascensão ao poder traria bens a ela e aos filhos. Medeia retruca que se ele assim pensava, deveria tê-la persuadido. Então, Jasão contra argumenta (588-590):

καλῶς γ' ἄν, οἶμαι, τῷδ' ὑπηρέτεις λόγῳ,  
εἴ σοι γάμον κατεῖπον, ἥτις οὐδὲ νῦν  
τολμᾶς μεθεῖναι καρδίας μέγαν χόλον.

Bem útil, tu serias neste assunto, creio,  
se te anunciasse núpcias, se nem agora  
ousas do coração despedir o grande rancor (*mégan khólon*).

Medeia não deseja riqueza que lhe dilacere o coração (599). Jasão oferece ajuda para o exílio e alega que ela lucraria mais se colocasse fim à ira (*orgés*, 615). Observando a situação de Medeia, o coro faz uma prece a Afrodite, pedindo que não o lance a “discordantes iras” (*ἀμφιλόγους ὀργὰς*, *amphilógous orgás*, 638).

Medeia tece um plano de vingança e, para que ele funcione, precisa que Jasão acredite em seu arrependimento. Pedirá para que os filhos permaneçam em Corinto e oferecerá presentes à noiva. Chama Jasão e pede perdão por sua ira (869-871):

Ἰᾶσον, αἰτοῦμαί σε τῶν εἰρημένων  
συγγνώμον' εἶναι· τὰς δ' ἐμὰς ὀργὰς φέρειν  
εἰκός σ', ἐπεὶ νῶν πόλλ' ὑπείργασται φίλα.

Jasão, peço-te por ter dito palavras  
ser perdoada; que toleres minha ira (*orgás*)  
é natural, por muitos favores mútuos.

Chama os filhos para abraçarem o pai, cessarem o antigo ódio e serem amigos. Propõe tréguas e que seja revogado o “rancor” (*khólos*, 898). Jasão diz ser compreensível a reação de Medeia, pois convém ao gênero feminino ter “iras” (*orgás*) contra o esposo, quando surgem outras núpcias.

Com a paz supostamente estabelecida entre o casal, dádivas são enviadas à noiva através dos filhos: coroa e véu envenenados.

Quando o preceptor retorna e conta que a princesa recebera os presentes, Medeia começa um angustiado diálogo com forças antagonicas dentro dela. Sente que não será capaz de matar os filhos, afinal, por que ferir Jasão, ferindo-se em maior proporção? Em seguida muda de ideia: não quer causar escárnio aos inimigos, deixando-os impunes! Muda novamente o ânimo e exorta o coração a poupar os filhos. Conclui ser necessário matá-los para que não sejam mortos por mãos inimigas. Medeia se diz consciente dos males que fará, mas afirma que o furor supera suas decisões (*thymòs dè kreísson tòn emôn bouleumáton*, 1079).

O mensageiro, vindo do palácio, exorta Medeia a fugir, pois a noiva e Creonte estão mortos. Ele conta que a princesa, ao ver as crianças, com horror, cobriu os olhos e virou para trás o rosto pálido (1148-149). Continua o mensageiro (1149-1152):

... πόσις δὲ σὸς  
ὀργάς τ' ἀφήρει καὶ χόλον νεάνιδος,  
λέγων τάδ'· Οὐ μὴ δυσμενῆς ἔσῃ φίλοις,  
παύση δὲ θυμοῦ καὶ πάλιν στρέψεις κάρα,

...Teu marido  
afastou a cólera (*orgás*) e o rancor (*khólon*) da princesa,  
falando isto: Não sejas hostil a amigos!  
Cessa o furor! Volta de novo o rosto!

Mais uma passagem em que ira e cólera são atribuídas a alguém que teria condições de senti-las por ser a filha do rei e ter poder.

O mensageiro comenta que a velha serva, ao ver o terrível estado da princesa, após colocar os adornos envenenados, teve a impressão de que se tratava da cólera (*orgás*) de Pã ou de algum dos deuses (*tinós Theôn*, 1172): mais um indício da equiparação de Medeia ao numinoso. Também são significativas, nesse sentido, as palavras de Creonte ao encontrar a filha morta (1207-208): “Ó mísera filha, / que Nume (*daímon*) tão imérito (*atímos*) te destruiu?”. Devido à natureza assombrosa da morte da princesa, Creonte infere que só pode ter sido obra de algum *daímon*. Medeia, desonrada (20, 33, 438, 696, 1354) age “desonrosamente” (*atímos*) e sua ação é percebida, pelo rei, como a ação de um Nume (*daímon*).

Diante da trágica situação causada por Medeia, o coro comenta (1231-1232):

ἔοιχ' ὁ δαίμων πολλὰ τῆδ' ἐν ἡμέρᾳ  
κακὰ ξυνάπτειν ἐνδίκως Ἰάσονι.

Parece que o Nume (*daímon*) hoje vincula

com justiça muitos males a Jasão.

Quem está causando males a Jasão é Medeia, aqui equiparada a um Nume também pelo coro, que reconhece como justa a sua ação. A última referência à cólera de Medeia acontece um pouco antes da morte dos filhos. O coro lamenta suas consequências (1265–1267):

δειλαία, τί σοι φρενοβαρῆς  
χόλος προσπίτνει καὶ ζαμενῆς <φόνου>  
φόνος ἀμείβεται;

Ó coitada, por que te atinge  
grave furor (*khólos*) e morte se troca  
por morte violenta?

Sobre o caráter numinoso associado à ira e à vingança de Medeia, além das passagens sinalizadas anteriormente, podemos elencar mais três, nas quais Medeia é associada à figura do *alástor* (ἄλαστωρ), o Nume vingador, uma espécie de calamidade enviada pelos deuses. Nos versos 1059–1061, Medeia, falando sobre a necessidade de matar os filhos, invoca os “*alástores*” (ἄλαστορας) ínferos do Hades e diz que nunca entregaria os filhos ao ultraje dos inimigos. Com tal invocação, ela parece incorporar o poder dos *alástores* para a ação que realizará. O coro, em 1259–1260, associa Medeia a uma desgraçada e cruenta e Erinia vingadora (*tálaina phonían t’ Erin’ yn alastóron*). Jasão, vendo os filhos mortos, acusa Medeia de ser a mulher mais odiosa aos deuses, a ele e a todo o gênero humano (1323–324). Então afirma que os deuses enviaram a ele o teu (de Medeia) gênio vingador (*tòn sòn d’ alastór’...* 1333). Em 1347, Jasão afirma que só lhe resta prantear o seu Nume, seu *daímon*.

Concluindo, Medeia, princesa da Cólquida, “nascida de pai nobre e prole do Sol” (406), desonrada e desprezada por Jasão, é tomada por ira e cólera e pode dar vazão a esses sentimentos por ser poderosa e capaz de vingança. Uma vingança que, como sinaliza o texto, não é meramente humana, mas numinosa, seja porque ela é neta do sol, seja porque Jasão é perjuro e, desse modo, a atuação de Medeia pode ser vista como veículo para a punição divina. Medeia, no embate final com Jasão, declara que poderia dizer muito mais, mas Zeus conhece o que Jasão fez e o que dela sofreu (1352–1353). Afirma que foi a *hýbris* — sempre algo passível de punição divina — de Jasão que destruíra os filhos (1366). Quando ele clama para que a Erinia a destrua (1389–90), Medeia responde (1391–1392):

τίς δὲ κλύει σοῦ θεὸς ἢ δαίμων,  
τοῦ ψευδόρκου καὶ ξιναπάτου;

Que Deus ou Nume te ouvirá,  
perjuro e enganador de hóspede?

Por fim, o indício mais contundente do caráter numinoso de Medeia é ela ocupar, no final da peça, o lugar que em outras tragédias de Eurípidés é destinado à divindade, o denominado “*deus ex machina*”. Medeia está no carro alado enviado pelo seu avô, o Sol, e sairá, contra as expectativas, ileso de Corinto.

### Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 2005.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, Textos Adicionais e Notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**, 3ª edição brasileira em 5 volumes. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1974.
- CLAUSS, J.J.; JOHNSTON, S. I. (org.). **Medea**. Princeton: Princeton University Press, 1997
- EURÍPIDES. **Medeia**. Edição bilíngue. Estudos e traduções de JAA Torrano, in: Teatro Completo, vol. I. São Paulo: Editora 34, 2022.
- EURÍPIDES. **Medeia**. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2010.
- EURÍPIDES. **Medeia**. Introdução, tradução do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, in Eurípidés **Tragédias I**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2009.
- EURÍPIDES. **Medeia**. Edição bilíngue. Tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira: São Paulo: Odysseus, 2006.
- EURÍPIDES. **Medeia**. Edição bilíngue. Tradução de JAA Torrano. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
- KONSTAN, David. **The Emotions of the Ancient Greeks: Studies in Aristotle and Classical Literature**. Toronto: University of Toronto Press, 2006.
- KONSTAN, David. **The Tragic Emotions**. Project Muse - Comparative Drama, Volume 33, Number 1, Spring 1999, pp. 1-21 (Article). Published by Western Michigan University.

